

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Cadernos Escolares como projeções de si: O acervo do Professor Catarinense Victor Márcio Konder (1920-2005)

MARIA TERESA SANTOS CUNHA*

Introdução

Victor Márcio Konder (1920-2005), integrou uma família teuto brasileira trazida ao Brasil, nos meados do século XIX, por Marcos Konder Sênior. Este, nascido na Alemanha em uma família de agricultores e tecelões, destacou-se como professor, chamando a atenção de Nicolau Malburg, grande comerciante de Itajaí/SC. Conhecendo-o em uma viagem a terra alemã, trouxe o primeiro Konder ao Brasil para ser professor de seus filhos.

ROTHBARTH (2001) atesta que Marcos Konder Júnior dá continuidade aos negócios legados pelo pai – casa-se com Maria Corina Régis, uma letrada senhora que havia estudado na Escola Normal da Capital, nascendo de sua união o professor Victor Márcio Konder. Victor Márcio Konder nasceu em Itajaí em 1920 e faleceu em Florianópolis em 2005, tendo o pai como líder do Partido Republicano Catarinense. Quando, em 1930, Getúlio Vargas sobe ao poder apoiado principalmente pela elite gaúcha, a família se muda para o Rio de Janeiro, temendo represálias políticas. Lá, conforme seu livro autobiográfico (Konder, 2002), ele inicia a vida partidária, alistando-se no Partido Comunista Brasileiro.

Segundo o livro organizado pela família (2006) Victor, durante a década de 1960, foi jornalista, no Rio de Janeiro no *Diário Carioca* e formou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1972. Voltando a Santa Catarina foi Diretor do Jornal de Santa Catarina, em Blumenau e, na década de 1980, foi professor de História, Antropologia, Cultura Brasileira e Economia na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) além de exercer várias funções técnicas e administrativas na Fundação Catarinense de Cultura, foi membro do Conselho Estadual de Cultura e do Conselho Pedagógico da Escola de Governo e Cidadania de Florianópolis, nas décadas de 1980/90.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

* UDESC/SC. Doutora. Programa de Pós-Graduação em História. Texto ligado ao Projeto de Pesquisa *Perfil de uma biblioteca, traços de um leitor: Estudos sobre o acervo de um professor catarinense – Victor Márcio Konder (1920-2005)*. Produtividade em Pesquisa/ CNPq - 2012 -2015.

O acervo pessoal do Professor Victor Márcio Konder chegou à Biblioteca da UDESC em inúmeras caixas de papelão que, sem qualquer ordem e aos punhados foram despejados em uma pequena sala que os abrigaria doravante, até serem arrumados. Se, como lembra FARGE (2009), o acervo nasce da desordem, ele também supõe mãos que manipulam e classificam os documentos, olhos que vigiam o escrito, cheiros que despertam memórias. Esta operação parece justificar uma problemática e exigir a presença do historiador que, com eles, pode construir um passado e formular problemas que guiarão suas ações, em um trabalho. Algumas problematizações foram levantadas para a coleção em geral: Quem era o possuidor e o que era possuído? Como entender a historicidade desses materiais? Como tirar do esquecimento este volume de impressos que compõe uma coleção que se substantiva em milhares de páginas encadernadas, algumas ostentando marcas de leitura, que sobreviveram ao desgaste do tempo e ao perigo do esquecimento? Qual o sentido histórico, político e cultural dessa coleção que envolve 600 livros e 45 cadernos de anotações de seu proprietário? Neste trabalho, os cadernos merecerão atenção destacada.

Esses cadernos tão plenos de vida...

Os cadernos revelam modelos, exemplos e testemunhos, reais e fictícios, de distintas modalidades textuais, cuja coexistência, nesse espaço gráfico, expressa a pluralidade de matizes observáveis na escrita. (Antonio Castillo Gómez, 2012, p.69)

O estudo dos cadernos marca uma das linhas de atuação e investigação como *escrituras ordinárias*¹. Eles mostram, igualmente, em traços firmes, uma relação pessoal

¹ As escritas ordinárias ou sem qualidades são aquelas realizadas pelas pessoas comuns e que se opõem aos escritos prestigiados, elaborados com vontade específica de 'fazer uma obra' para ser impressa. (FABRE,1993).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

com o universo da escrita e, por extensão, de uma História da Educação que se centra na análise das culturas tipográficas e nas estruturas e modos de operar da mente humana.(CUNHA, 2009, 2011). A incorporação dessas questões e enfoques às pesquisas na área sinalizam para uma progressiva introdução da cultura escrita e da mentalidade letrada no acadêmico, abrindo-se outras possibilidades de conhecer diferentes maneiras de escrever e expor uma produção regrada, mas que sinaliza para uma atividade mais espontânea e até subjetiva. (CASTILLO GÓMEZ, 2012, p.68)

Quarenta e cinco cadernos escolares, utilizados nas décadas de 1970 e 1980, compõem o acervo de Victor Márcio Konder e foram recebidos, por doação da família, à própria pesquisadora. A catalogação até agora efetuada². Mostra que há três “categorias”: ligados a resquícios de um período de estudos, usados para anotações e reminiscência de aulas planejadas já como docente e marcados como aluno, do curso superior no Rio de Janeiro na década de 1970 e, notadamente de exercícios de aprendizagem da língua alemã.

Professor ³	3 volumes
Aluno	26 volumes
- ⁴	15 volumes
Pessoal	2 volumes

² A bolsista de Iniciação Científica Carolina Cechella Philippi trabalhou na pesquisa tanto na higienização e preservação do acervo de cadernos como na discussão do trabalho.

³ Dois cadernos não receberam apenas uma categoria, já que mostravam interface entre pertencimento a um docente, discente, com traços de escrita pessoal. Os critérios para classificação basearam-se na organização do escrito pelo colecionador, mas não são estanques, podendo sofrer alterações ao longo do processo de pesquisa.

⁴ Neste item encaixaram-se cadernos cuja classificação tornou-se difícil frente a forte presença de traços de uma escrita de cunho pessoal, dividindo espaço com aspectos de estudos, dados e conteúdos levantados e estudados pelo colecionador.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

Apresentados em suas capas originais, muitos deles fabricados pela FENAME (Fundação Nacional do Material Escolar/ Ministério da Educação e Cultura), eram popularmente conhecidos, nas décadas de 1960 e 1970, como “Cadernos do MEC” e vendidos a baixo preço e muito populares. Ao folheá-los pode-se encontrar traços incertos que dão ao desavisado leitor a impressão de terem sido escritos às pressas; as margens das páginas, anotadas ou rabiscadas, demonstram o aproveitamento irrestrito da página ocupada, demarcando assim, um território que julga ser seu. As letras irregulares ocupam folhas e mais folhas dos cadernos visados para, sem aviso prévio, serem interrompidas, sendo deixadas em branco muitas páginas vindouras. A escrita pode, ainda, dividir espaço com desenhos, ilustrações feitas à exaustão na quase completude da coleção; em sua maioria retratando traços humanos, perfis de homens adultos, anotações de cunho político partidário como o resultado das eleições estaduais (SC) de 1970 e tais ilustrações fazem-se ver, não raro, em páginas inteiras que evidenciam uma apropriação da tecnologia da palavra, típicas dos que trabalham com atividades ligadas ao pensamento.

Os cadernos apontam, também, para a possibilidade de estudos sobre a disposição do escrito na página, cuja ordem e desordem sinalizam para distintas modalidades textuais que descrevem percursos pessoais de um colecionador sedento pela eternização de fragmentos de sua biografia, na formação da sua imagem pública.

Segundo Ana Chrystina Venâncio MIGNOT (2003), olhar papéis guardados por pessoas comuns, neste caso o caderno, é um convite para leituras diversas. Trata-se de fios que tecem a memória de uma família, uma instituição, uma época. Para pesquisadores, folheá-los significa iluminar a escrita ordinária dos incontáveis atores que se utilizam de suas folhas, linhas ou margens. São papéis que iluminam algumas pistas passíveis de investigação sobre a escrita íntima, despertando relações entre memória, escrita, sociabilidades, redes de poder, cotidianos, cultura escrita e arquivamento. A mesma autora discute a historicidade desse suporte de escrita e a necessidade de preservar estes materiais como importantes objetos e fontes de pesquisa (MIGNOT, 2008) e, sem dúvida seu trabalho pioneiro na área criou as condições para discutir este objeto em situação de história.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

O conjunto do material analisado, encerra uma dupla condição em que aluno e professor se confundem no traço incerto de uma escrita apressada, tornando por vezes difícil saber qual, ao certo, a posição ocupada por Victor Márcio Konder, o “revolucionário letrado”, como ele se autointitulava no momento da escrita. Docente e discente têm a escrita frequentemente realizada por desenhos, traços que escondem perfis rascunhados em breves momentos de sossego, nas margens relegadas ao espaço próprio de criação. Os vazios da página, neste momento, ganham novos sentidos e significados, apontando para um momento de distração bem como para uma atividade motora facilmente realizável, uma vez que, como aluno ou professor, a caneta esferográfica simples é facilmente adquirível e, possivelmente, até mesmo já estava em punho. Os cadernos eram tanto refúgio de sua intimidade (desenhos, charges políticas) como instrumentos para registrar resumos de textos sobre autores identificados com aspectos econômicos de orientação marxista como Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré.

A coleção de cadernos, em bom estado de conservação, permite leitura quase plena de seu conteúdo; a letra regular e firme refere-se a diferentes temáticas, sendo que algumas se destacam. Nos materiais utilizados ainda no período vivido como discente do curso superior (1968-1972), destacam-se as anotações feitas matérias de antropologia e psicologia social, além das inúmeras anotações relativas à cadeira de economia. Nestes, a organização e uso de seu espaço gráfico mostra uma maior lógica ao pesquisador; as anotações organizam-se conforme pontos de discussão e temáticas maiores, tornando mais fácil seu entendimento. Percebe-se assim resquício da lógica institucional escolar, que delimita tempos e disciplinas e reverbera, da mesma forma, na escrita dos alunos. A organização gráfica é entendida como propiciada e incentivada por um ambiente temporal e espacialmente controlado pela lógica da instituição de ensino, culminando em uma escrita linear e cronológica que parece ter sido seguida pelo autor dos cadernos.

Nos exemplares entendidos como já inseridos em sua prática docente, é possível encontrar uma organização gráfica própria. Esta, provavelmente, fazia sentido para Victor Márcio mas mostra-se, ao pesquisador, de difícil entendimento. Pensamentos, elucubrações e devaneios dividem espaços da página com gravuras, padrões e escritos de cunho pessoal.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

A lógica institucional, embora presente na prática docente, faz-se perceber em menor medida já que o agora professor não tem a vigília comumente dispensada ao aluno. O caderno, este precioso suporte de sua escrita, é agora seu, apenas seu, devendo ser plenamente compreendido por apenas ele; não necessita estudá-lo com fins de realização de provas e exames, nem tampouco mostrá-lo a professor algum. Todavia, tal fragmentação não inibe a tentativa de elaboração de uma memória edificada do colecionador e de sua coleção (RIBEIRO, 1998), sendo esta fortemente visível no acervo de Victor Márcio Konder, seja por meio de um panfleto, um bilhete, nota fiscal, lembrete, dando ao pesquisador novos elementos para entender o colecionador.

Diversas modalidades textuais habitam os cadernos da Coleção Konder: letras, rabiscos desenhos, charges, são primordiais peças na constituição de uma compreensão do processo educativo em determinados períodos e contextos históricos e seja a alunos como a professores criam condições, nas folhas, para breves espaços à transgressão de quem o escreve, comumente às margens e às páginas finais, sendo material valioso “quando se pretende examinar tanto a produção, circulação e usos dos suportes da escrita escolar como as práticas educativas, currículos e história das disciplinas escolares, por exemplo” (MIGNOT, 2008, p. 2).

Frutos da cultura escolar, são transpassados por continuidades e descontinuidades; seu estudo abre portas a uma iluminação das relações entre escola e alunos e também as múltiplas materialidades e funcionalidades dos próprios cadernos. Embora utilizado de forma protocolar, é também campo de apropriações e criação, podendo abrir espaço, por vezes, a memória pessoal e familiar. Muitos, sobretudo pertencentes a docentes, são escritos para não serem mostrados, com bela caligrafia e constituindo-se em rastros de memória e possuindo exercícios, frases e planejamentos assumidamente inacabados (CUNHA, 2008).

Estudos sobre cadernos escolares e suas caligrafias mostram a pregnância desses materiais nas abordagens da história do tempo presente, tal como tematizam as autoras BASTOS e STEPHANOU (2012, p.79), para quem:

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Cadernos de alunos de diferentes épocas constituem um observatório privilegiado das práticas da caligrafia historicamente experimentadas. Embora o acesso a esses cadernos seja considerado, em muitos casos e em relação a diversas experiências escolares, como escasso ou inacessível, empreendimentos de pesquisa vêm logrando alguns sucessos. A observação atenta desses artefatos, outrora de uso escolar, hoje objetos da memória familiar, possibilita mais do que o exame de uma materialidade ou dos processos de didatização do ensino da caligrafia e, portanto, dos temas de escrita e complexidade dos traçados. Também oportuniza uma reflexão acerca da produção de um determinado modo de ser e portar-se diante da escrita, particularmente como identidade do sujeito escolarizado.

A projeção de si em um acervo e, mais especificamente, em cadernos escolares, nas letras e na figura de professor ou aluno, envolve uma prática reinvenção e reportação de si. Se na organização, seleção e salvaguarda de um arquivo, intenções e glorificação e formação de uma memória coesa em torno de si se fazem ver, a escrita em cadernos escolares, embora construída por aspectos semelhantes, obedece a novas regras, condizentes com a materialidade que suporta tal prática. Coordenados firmemente pelo tempo institucional, pela vigília de demais órgãos e profissionais, os tempos de escrita do caderno são próprios: respondem a uma ordenação de si de acordo com a disposição permitida pela escola na qual se estuda ou leciona. À invenção pessoal são relegadas margens, contracapas, folhas finais. Contudo, a lógica do escritor se faz ver na imagem de pequenas subversões: nas folhas em branco separando lições, nas margens desenhadas, nos versos transcritos. A lógica de ordenação e reinvenção de si percebida nos cadernos pertencentes ao acervo de Victor Márcio Konder obedece a prerrogativas institucionais, a uma mais próxima supervisão; todavia, esta não é suficiente para suprimir a vontade individual de desenhar ou escrever o que lhe vem a mente, ainda que em uma rápida caligrafia a ocupar margens e rodapés.

Ao procurar registros marginais, entendidos estes como escritos não autorizados por vozes institucionais, são iluminados alguns usos “não escolares” dos cadernos. Esta fonte, aparentemente banal, é também um suporte da escrita que deve ser desnaturalizado e

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

problematizado. Importante registro do ensino e da aprendizagem escolar, o caderno é também um dispositivo iluminador da dinâmica e da interação que se dá dentro de sala de aula. Suas regras de uso no interior do espaço escolar, embora impostas, não são absolutas – uma escrita subversiva se manifesta em pequenas produções espontâneas corporificadas em registros não autorizados que remetem mais fortemente a traços pessoais do escritor.

O distraído professor rabisca algo na contracapa do caderno que tem em mãos; o desavisado aluno pula páginas, anota recados na contracapa. Ambos desenhavam firme e caprichosamente perfis de personagens, retratos de olhos, padrões de ilustração. Mais que território institucional de escrita, os cadernos de Victor Márcio, ao serem abertos, revelam mais que aluno e professor. Mostram traços, vestígios, fragmentos de um indivíduo inquieto, distraído, desavisado. A preciosa fonte comportada pelos cadernos escolares, uma vez desnaturalizada, é alvo de estudo, sem que neste sejam esquecidos os nomeados registros marginais. Fugidios e encolhidos, ou grandiosos e ousados, revelam traços da apropriação do aluno para com o conteúdo, mas também salvaguarda migalhas de sua subjetividade. Apontam o devaneio do professor em meio ao planejamento docente, iluminando vestígios de si e, também, mais profundas ideias ou representações escritas do fazer-se aluno e professor. Cadernos, folhetos, rabiscos são, assim, colocados a falar pelo historiador e como objetos em situação de conhecimento é que criam o sistema documental, são vetores de construção da subjetividade (MENEZES 1998, p.96).

Como forma de exemplificar, analisou-se a retomada de horários de aula e organização curricular que o esmerado aluno Victor anotava frequentemente ao fim de seus cadernos de graduação. Através deles é possível ter acesso a partes do currículo da graduação em economia da UFRJ durante os anos abordados, entendendo tal fonte também como evidências do deslocamento do aluno em meio ao currículo que lhe era oferecido e proposto. Dentre grades de horário angariadas em páginas finais de cadernos de aluno assinalaram-se demarcações de disciplinas diversas em diferentes anos da graduação; Através destas, elaborou-se tabela informativa, retomando disciplinas cursadas por Victor. Faz-se, porém, a ressalva: não se trata do currículo integral de sua graduação, mas sim de

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

disciplinas por ele cursadas entre os anos de 1970 e 1972, sendo apenas elencadas matérias em cujo ano de curso pôde ser percebido.

Quadro II - Disciplinas

	Disciplinas
1970	Metodologia Estatística Organização Política do Brasil Antropologia II Sociologia [ilegível]
1971	Geografia Humana Sociologia do Conhecimento Política Internacional Metodologia Metodologia II Teoria Política I Teoria Política II Organização Política II Economia Política III Técnica de Pesquisa História da Filosofia Estatística II
1972	Organização Política II Teoria Política II Estrutura Política Comparada História Geral Política Internacional II

Fonte: Acervo Konder/LABPAC – UDESC Elaboração de Carolina Cechella Philippi

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Considerações finais

Considerando este fundo documental, iluminado por outras possibilidades pôde-se, de um lado, ressaltar a dimensão da biblioteca de Victor Márcio Konder e se as práticas de escrita desse protagonista dadas a ver nas marcas deixadas nas anotações em seus cadernos pessoais, consolidam sua auto-referência de um *revolucionário letrado* e de um *intelectual*. Nesse sentido, a problematização do acervo de cadernos pessoais permitiu traçar um perfil do leitor, compreender como lia e por que lia o sujeito em questão. A pesquisa indica, pois, para traços de uma atuação profissional, bem como registros em seus cadernos de atitudes pessoais de devaneio e lazer, ligados, ambos, a sua figura de intelectual.

Como documento para a história, este acervo pessoal se consolidou como um fértil campo de pesquisas e intervenções que auxilia e muito a prática do historiador do presente, sendo também tido como um meio de manter viva a memória de determinado colecionador.

Se o acervo, conforme aqui apresentado, é entendido como local de construção de uma memória coesa e edificada de si, onde o “eu” guardado sofre um processo de reorganização, processo semelhante, porém específico, se dá na escrita de si apreendida nos escritos dos cadernos estudados. O amplo espaço de escrita do caderno, embora comumente vigiado por normas escolares e institucionais abre, a quem o tem, um amplo leque de possibilidades e espaços para exercícios caligráficos e ilustrativos. Sua ocupação com planejamentos e exercícios se dá devido a seu uso profissional e estudantil, mas margens e páginas finais raramente escapam ao ímpeto criativo e evasivo do já exausto aluno ou professor. O aplicado aluno a transcrever exercícios, bem como o atento professor a planejar cada aula, é reportado como intelectual com firmes filiações político-partidárias e implacável atenção. Contudo, esta imagem é, ao folhear das páginas, confrontada com gravuras firmemente desenhadas com caneta esferográfica e por demais anotações sem aparente nexos com o conteúdo anteriormente apresentado. Há, na escrita de cadernos, uma reinvenção de si, sendo esta regulada por normas e exigências institucionais. Todavia,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

margens, contracapas e bordas de folhas revelam, aos poucos, subjetividades e traços de uma personalidade vívida que se reinventa pela escrita.

A reordenação de si que compõe uma imagem coesa de um intelectual atento é confrontada por vestígios da personalidade do estudioso. Ao pesquisador é apresentada a figura do intelectual Victor Márcio, uma personalidade mais facilmente apreensível através dos registros marginais que estão inscritos em páginas, margens, contracapas. O caderno, este amplo território de escrita, embora submetido por firmes protocolos de ocupação e uso, dá ao escritor espaços de reapropriação e subversão. Ao atento historiador, estes se mostram como pedaços de uma trajetória de docente ou discente, sem que seja olvidado o sujeito escrevente. Atentar para estes *novos* documentos abre novos caminhos de pesquisa; uma vez descobertos, resta desbravá-los a partir das pistas que nos oferecem, pinçadas através de olhar atento. A adoção de novos instrumentos e objetos para estudo da história, sua problematização e análise, permitem o desbravamento de novos horizontes de pesquisa. A fabricação de si na escrita dos quarenta e cinco cadernos escolares de Victor Márcio Konder, o revolucionário letrado, é, pois, fruto destes novos paradigmas de pesquisa.

O acervo de cadernos, *nascido da desordem e reordenado em meio ao caos* (FARGE, 2009) ganha forma e toma corpo para o pesquisador. De seu meio, sobressaem-se estes cadernos, de quando aluno e já professor, todos já digitalizados, higienizados, lidos e analisados. Porém, em meio a firme escrita, sobressaem desenhos, gravuras, padrões ilustrativos, recados, panfletos, bilhetes... Traços de um percurso pessoal, de um sujeito personalizado na figura de um “revolucionário letrado” que, mais que aluno ou professor, é um sujeito que deixa rastros e se entrega, nas brancas páginas de seus cadernos, a momentos de devaneio e lazer.

O acervo de cadernos escolares do Prof. Konder aqui utilizado na perspectiva de uma escrita *ordinária* se transformou em um rico material para aprofundamentos sobre cultura escolar, em especial uma abordagem sobre formas de organizar o tempo escolar que fogem às convenções. A descrição de práticas e saberes escolares vividas no cotidiano e que, em geral, não estão visibilizadas nos grandes tratados educacionais nem na

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

formalidade da legislação permitiu iluminar e apreender um conjunto de situações, fatos, experiências singulares, enfim, diferentes modos de funcionamentos do cotidiano escolar e da organização temporal da escola. Um material dessa natureza pode colocar à disposição do historiador um conjunto de práticas, sistematizadas em modelos, regras, temas, saberes que foram planejados e incorporados à organização escolar.

Assim, pode-se considerar que na condição de documento de uma época, os cadernos, ao exporem a organização das aulas e suas anotações variadas contribuíram para o estudo da história da educação inserindo-se no interior de um conjunto de representações que uma determinada sociedade, em um contexto histórico específico. Atualmente, musealizados, estes documentos impressos se impõem a nossos olhos e analisados assumem a condição de *objetos históricos* que ganham forma e densidade na medida em que estão em determinada situação (RAMOS, 2010): são testemunhos e servem de inspiração de atividades propostas e, como tal, são portadores de ressonâncias (GONÇALVES, 2005)⁵ em diferentes sentidos e instâncias, pelos sujeitos históricos.

Referindo-se mais especificamente ao acervo de Victor Márcio, tal material tem proporcionado cotejo entre aspectos de sua formação acadêmica e atuação docente, bem como a percepção das marcas de leitura típicas de um sujeito inquieto e de um aluno que, aos poucos, se apropria, reinventa, recria e lógica acadêmica que o circunda. As considerações são pretensamente provisórias: dá-se assim o tom desta escrita, já que o acervo, ainda não totalmente desbravado, apresenta potencialidades diversas, bem como diferentes possibilidades de interpretações, leituras, vivências.

BIBLIOGRAFIA:

⁵ Por *ressonância* eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante. (Greenblatt, 1991, p.41-56, apud GONÇALVES (2005).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

BASTOS, Maria Helena Camara e STEPHANOU, Maria. *DA SENSIBILIDADE DAS MÃOS À HARMONIA DA ESCRITA: memórias, artefatos e gestos da caligrafia na história da educação*. In: **A caligrafia e a escrita. Do desenho das belas letras à livre expressão do desenho da escrita**. ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM DESENHO. Coletânea. Volume I. Organizado por Gláucia Maria Costa Trinchão. Feira de Santana (BA): EDUFS, 2012.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. *Educação e Cultura Escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares*. **Educação - PUCRS** - Porto Alegre, v.35, n.1, p.66-72, jan/abr 2012.

CUNHA, Maria Teresa Santos, PHILIPPI, Carolina Cechella. *Uma biblioteca sem ordem: Figurações em torno do acervo de livros de um intelectual do século XX*. In: **Cultura e Memória. Os usos do passado na escrita da História**. Francisco Régis L. Ramos e Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho (organizadores). Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/ Instituto Frei Tito Alencar, 2011. p.302- 315.

_____. **Uma biblioteca anotada. Caminhos do leitor no acervo de livro do Museu da Escola Catarinense**. Florianópolis: UDESC/ CNPq, 2009.

_____. *Preces, ânticos, louvores: um ritmo para a construção do calendário escolar*. In: **O tempo na Escola**. Rogério Fernandes e Ana Chrystina Venâncio Mignot (orgs). Lisboa. Educa, 2008. p.139-150.

FABRE, Daniel (org). **Ècritures ordinaires**. Paris: Centre Georges Pompidou. Bibliotheque Publique d'Informatiòn, 1993.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade. As culturas como patrimônio. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

KONDER, Victor Márcio. **Militância**. São Paulo: Arx, 2002.

KONDER, Rosa W. e RIBEIRO, Túlia de Freitas (orgs). **Victor Márcio Konder. Um homem de múltiplas facetas**. Florianópolis: IEA – Brasília: Instituto Tancredo Neves, 2006.

MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público*. **Estudos Históricos. (Arquivos Pessoais)** RJ: vol 11/n.21, 1998. p.89-103.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Papéis guardados**. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2003.

_____. (org). **Cadernos à vista. Escola, memória e cultura escrita**. RJ: EDUERJ, 2008.

------. **Lições de vida entre capas e contra capas**. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (org). *Não me esqueça num canto qualquer*. Catálogo da exposição “Não me esqueça num canto qualquer”,

RAMOS, Francisco Régis Lopes. As utilidades do passado na biografia dos objetos. In: **Futuro do Pretérito. Escrita da História e História do Museu**. /Manoel Luiz Salgado Guimarães e Francisco Régis Lopes Ramos (orgs). Fortaleza: Inst. frei Tito de Alencar/Expressão Gráfica Editora, 2010.

RIBEIRO, Renato Janine. *Memórias e si, ou...* **Estudos Históricos – Acervos Pessoais**. Fundação Getúlio Vargas. Vol. 11, número 21, 1998. p. 35 – 42

ROTHBARTH, Marlene Dalva da Silva Família Marcos Konder Sênior. In: **Famílias de Itajaí: mais de um século de história**. Itajaí: Odorizzi, 2001.